

Material de apoio ao professor

Contextualização da obra



O que é que tem no seu caminho?

Bia Vilela

Ilustrações da autora

Coordenação pedagógica
Maria José Nóbrega

De Leitores e Alas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso, “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Bia Villela, a autora de *O que é que tem no seu caminho?*

Bia Villela nasceu em São Paulo, formou-se em veterinária na Universidade de São Paulo e em *design* gráfico no *Rocky Mountain College of Art and Design*, nos EUA. É autora de livros infantis. Inventava o texto, os desenhos e o projeto gráfico de cada livro.



A obra

Neste livro, Bia Villela estimula os jovens leitores a atentar para os detalhes do mundo ao seu redor – os seres, os objetos, os espaços, os ruídos. Em vez de criar uma narrativa, a autora opta por compartilhar com as crianças vestígios de seu universo cotidiano, convidando-as a fazer o mesmo. Assim, em *O que é que tem no seu caminho?*, um cachorro nos apresenta o seu percurso pelas ruas de uma cidade, por suas curvas e subidas, suas avenidas e semáforos, passando por escolas e padarias, cruzando com jornaleiros, sorveteiros, garotas de bicicleta, cães vestidos como gente. Às vezes chove, às vezes o congestionamento faz parar tudo. Sendo um cachorro, porém, sempre é possível encontrar maneiras de descansar um pouco no meio do percurso.

Comentários sobre a obra

A obra de Bia Villela conjuga literatura e *design* gráfico para criar um livro lúdico, em que imagens e texto são igualmente significativos, complementares, mas nunca

redundantes. O poema joga com rimas e repetições, brincando com diferentes ritmos. Cada frase é uma resposta à pergunta-título: *O que é que tem...?*, de modo que o texto vai se desenrolando como uma lista, uma enumeração.

As ilustrações, criadas por computador pela própria autora, jogam com as cores fortes do fundo e criam imagens bidimensionais, geométricas, lúdicas e não realistas. Ao final do texto, o leitor sente-se convidado a entrar no jogo, enumerando ele mesmo os muitos e diferentes elementos que compõem os ambientes por onde passa.

Quadro-síntese

Gênero: Poema.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Geografia, Arte.

Temas contemporâneos: Vida familiar e social. Diversidade cultural.

Público-alvo: Pré-escola – crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil.